

4.

Encontros com CAPACETE

Ricardo Basbaum



G. x eu, 1998. Vinil adesivo, pintura monocromática sobre a parede, dimensões variáveis.
Foto: Leo Bittencourt.

Permaneço em contato com o CAPACETE desde 1998, quando ainda se chamava Espaço P: naquele ano, fui convidado por Helmut Batista para, junto com Ana Infante, inaugurar o local – cada um com seu projeto, em um belo apartamento da Rua Paissandu, Flamengo, Rio de Janeiro. A parede verde, com o diagrama, foi instalada na sala; esta permaneceu montada, com sofá, poltronas e mesa. G. x eu funcionava em conjunto com um conto, rápida narrativa ficcional de encontros e desencontros com G., personagem que surge insinuada, atravessada, apresentada em pequeno livro de capa verde, como a parede. Ver o

diagrama, ler o livro; ler o diagrama, ver o livro: convite para uma ação cruzada – “Vler, Lver”¹ – em que as duas operações se encontram em alguma região de deslizamento recíproco. Na mesma ocasião, Ana Infante instalou uma grande lâmina de vidro entre sala de estar e sala de jantar, isolando os dois espaços à travessia dos corpos, mas não ao olhar, gerando curiosa busca por outras rotas pelos presentes, na movimentação por aquele espaço.

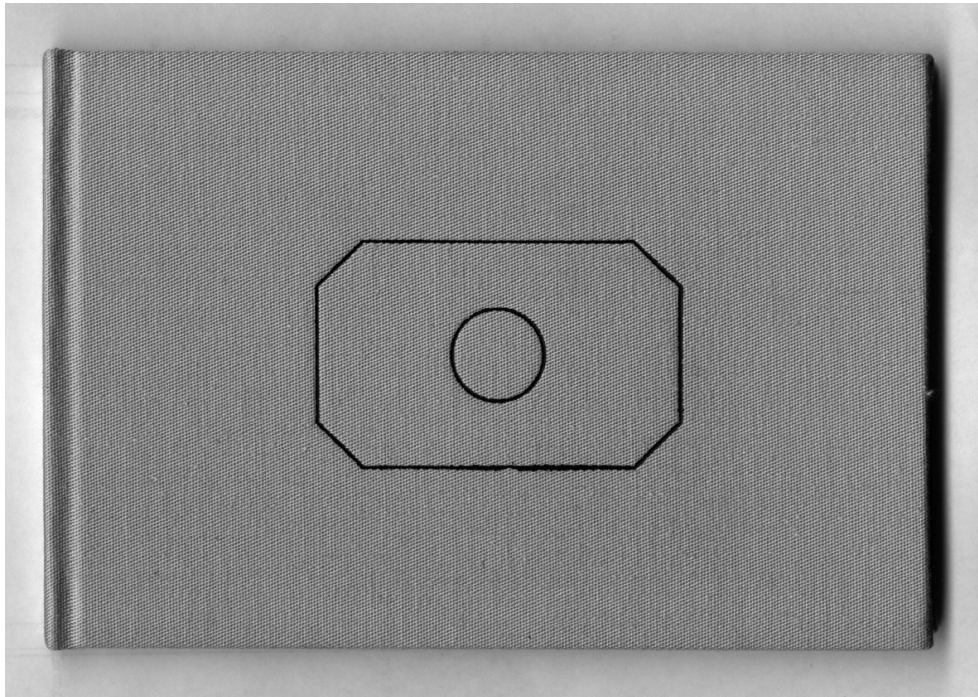
A experiência de construir uma ação expositiva, a partir de agenciamento tão próximo, foi excepcional, uma vez que naquele momento estávamos mais habituados a buscar editais para programas em espaços públicos (Espaço Cultural Sergio Porto, Centro Cultural São Paulo, Centro Cultural Calouste Gulbenkian) ou universitários (Centro de Artes UFF, Galeria da UFES); para mim, não existia o circuito de galerias/mercado, que percebia estar decididamente afastado do que estava pesquisando. Ser convidado a abrir o Espaço P, desenvolver o projeto e as etapas de produção apenas entre amigos, ou melhor, junto a aliados para uma nova trama possível, revelou-se o melhor dos mundos. Parecia evidente uma mudança na condição das ações: quando, enquanto artistas em ação conjunta, nos agrupamos no Visorama² (1990-1993) e na revista item³ (com quatro números lançados em 1995-1996), a mobilização se dava, principalmente, sob a perspectiva da legitimação discursiva: organizar os nossos trabalhos junto a obras contemporâneas brasileiras e internacionais, em grupos de questões e problemas; efetivar situações de fala pública em que o sentido e importância de nossa produção era discutido de modo coletivo; e, depois, viabilizar a publicação de escritos de artistas e textos de inflexão crítica multidisciplinar. Há nesses gestos a busca de configuração de articulações com o campo da crítica de arte, em que se aposta no agregado obra-discurso como a principal ferramenta de legitimação pública dos trabalhos. Talvez nossa percepção não fosse tão clara, pois de algum modo nos iludíamos que o circuito e mercado de arte, tal como se reorganizavam naquele momento (em chave neoliberal), iriam diferenciar o que fazíamos a partir da realização de uma intervenção crítica; mas a nova pragmática que se instalava não passava, necessariamente, pela compreensão da escrita enquanto qualificador da obra a ser consumida. Assim, quando o Espaço P traz ao Rio de Janeiro seu programa de exposições em apartamento, fica claro o deslocamento de eixos de ação, do crítico ao curatorial. Ou seja, o que interessava era construir eventos em vários formatos, cujo valor se dava a partir da percepção da dinâmica própria de um circuito de arte

descentrado, atravessado pelo jogo social dos encontros pertinentes e interessantes, que pudessem contribuir em alguma medida para a geração da intensidade necessária; não havia delimitação tão clara entre local e internacional, ativando um fluxo de trocas menos autocentrado em hábitos e práticas – inclusive relacionadas à dinâmica do mercado de arte, mantido a uma certa distância que permitia a construção de outras manobras e o contato com outro público. Do Espaço P ao CAPACETE, há um esforço em desenvolver uma economia própria de gestão, que, sem dúvida, garantiu nos últimos vinte anos o percurso singular da agência, mantendo seu funcionamento próprio ao mesmo tempo que buscava continuamente diversos formatos.

No embalo da intervenção *G. x eu*, ainda em 1998, após conhecê-la em São Paulo, durante os preparativos para a 24ª Bienal, fiz a conexão entre Andrea Fraser e o Espaço P – que logo depois recebeu alguns vídeos seus, em breve mostra. Já conhecia um pouco do trabalho de Andrea, a partir de publicações, e quando a encontrei imediatamente se materializou a vontade de ampliar aquele momento, torná-lo mais significativo – estava clara a possibilidade de construção de uma rede. Havia entusiasmo em ter, vamos dizer assim, “à mão”, um espaço de arte contemporânea em que poderíamos organizar as ações de interesse, sem necessidade de atravessar camadas de intermediários para acessar espaços institucionais em geral (sempre há exceções) neutros e marcados pela imobilidade – sem dúvida, ali se iniciavam minhas primeiras experiências com espaços autogeridos de artistas, um formato que veio a se tornar consistente no Brasil a partir dos anos seguintes, indicando um interessante grau de maturidade dos agentes do circuito – artistas, curadores, gestores – em relação ao sistema de arte.

Em 2000 realizei ainda *EUVOCÊ (superpronome)* (em colaboração com Marssares e Luiza Maria) – e o empreendimento já se chamava CAPACETE Projects. Nesse período, estava se iniciando o processo de ação conjunta Agora–CAPACETE, que funcionou na Rua Joaquim Silva 71, Lapa, entre 1999 e 2003. Este foi um momento também extremamente produtivo e interessante, marcado pela formação do Agora - Agência de Organismos Artísticos, dirigida pelo trio integrado por mim, Eduardo Coimbra e Raul Mourão. Nós três já vínhamos da experiência de publicação da revista *item*, e a parceria com o CAPACETE se apresentou como um movimento quase que natural, o “próximo passo” a ser dado: já estávamos na impulsão

certa para agregar a prática anterior (Visorama-item, de ênfase crítico-editorial) a um projeto de viés curatorial-institucional.⁴ Foram quase quatro anos intensos e vibrantes, que demarcaram momentos de ação compartilhada e diferenças de gestão, entre as duas agências. Mas que, ao mesmo tempo, revelaram interessante sintonia com outros lugares do país, onde se desenvolviam projetos afins (Torreão, em Porto Alegre, e Alpendre, em Fortaleza, entre outros) que ajudaram a modificar o perfil das práticas artísticas e ativistas: foram sendo aperfeiçoados modelos de autogestão e os espaços independentes se converteram em ferramenta de ação corrente na dinamização e politização do circuito, não mais restrito apenas a espaços públicos, centros culturais, museus, galerias e mercado. Em um país tão excludente como o Brasil, a auto-organização e autogestão se tornam extremamente importantes para construção de outras rotas e desvios, frente ao circuito de arte hegemônico.



G. x eu, 1998. Livro em off-set, p/b, 12 x 18 cm, 250 exemplares brochura, 50 exemplares capa-dura assinados. Foto: Leo Bittencourt.

É nessa direção que vejo a organização CAPACETE avançar no século XXI: sendo capaz de manter uma constante atenção de escuta, conseguiu reinventar-se constantemente ao longo de duas décadas. De seu início enquanto projeto de viés curatorial, deslocou-se em torno da produção de publicações, organização de eventos, cursos e palestras, consolidando-se como espaço de residência para artistas, curadores e

pesquisadores. Em territorialidade móvel e ativa de habitação, convívio e eventos, CAPACETE faz fronteiras deslizarem, estabelecendo um certo enclave internacional (ou interterritorial) na cidade – em que se mixam polos de modo dinâmico, em chave afetiva: o que ocorre é que se percebe formações de comunidades, tanto voláteis como instigantes, em que o Rio de Janeiro se deprovincianiza e politiza, a partir do encontro de corpos e agentes de procedências diversas. Ao manter seu funcionamento em escala médio-pequena, faz com que a temperatura das trocas se intensifique e os eventos sejam bem-sucedidos enquanto momento de contato entre interessados. Desde que aterrissou na Glória, este tem sido um local vital para a respiração da cidade, encontrando seu funcionamento nos interstícios e frestas que atravessam a confluência de museus, galerias, centros culturais, escolas e universidades, oferecendo-se como lugar ativo e disponível a ser ocupado – desdobrando-se a partir daquilo cuja formalização em excesso pode comprometer seu funcionamento: esta matéria encontra no CAPACETE território para significativa ativação, área em aberto com vocação de uso coletivo. É muito importante que o processo de desenvolvimento tenha se dado nesse caminho e continue por aí, renovando fôlego e escuta.

Notas

1. Cf. Conversa entre Helmut Batista e Ricardo Basbaum, publicada na ocasião pelo Espaço P.
2. Analu Cunha, Brígida Baltar, Carla Guagliardi, Eduardo Coimbra, João Modé, Márcia Ramos, Marcus André, Ricardo Basbaum, Rodrigo Cardoso, Rosângela Rennó e Valeska Soares.
3. Eduardo Coimbra, Raul Mourão e eu.
4. Comento esse processo nos textos “Agora” e “E agora?”, publicados em: Basbaum, Ricardo, *Manual do artista-etc*, Rio de Janeiro: Azougue, 2013.

